

DESENVOLVIMENTO DA AUTONOMIA NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Carla Patrícia Felix da Silva

RESUMO

O presente artigo traça um diálogo entre ideias propostas por Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia* (1996) e ideias propostas por Bernard Charlot em *Da relação com o saber às práticas educativas* (2014), no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia no processo ensino-aprendizagem. Para tanto, foram analisados alguns pontos importantes nesta análise como a liberdade, a relação entre escola e vida do aluno e também a importância do prazer no processo ensino-aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia; Aprendizagem; Prazer

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca discutir a questão do desenvolvimento da autonomia no processo ensino-aprendizagem analisando ideias propostas por alguns autores no campo da Educação. Busca-se apresentar como o gostar do que se aprende pode ser um ponto crucial no desenvolvimento crítico e autônomo, alguém que se sente cativado por algo que lhe é apresentado será capaz de procurar e querer saber mais sobre tal assunto, sem que isso dependa de regras ou prazos. Para Charlot (2014):

Para mim, o prazer e, portanto, o desejo são elementos fundamentais da vida escolar. Por isso desisti de raciocinar em termos de motivação. Não gosto muito dessa ideia de motivar os alunos, porque, muitas vezes, esse ato de motivar é o mesmo que enrolar os alunos para que eles façam alguma coisa que não estão a fim de fazer (CHARLOT, 2014, p.74)

O que se quer apontar não é uma relação de força na qual se impõe o que os alunos devem ou não gostar de fazer, mas sim uma relação na qual de maneira livre e crítica os alunos possam querer aprender, saber mais sobre algo por perceberem que aquilo está relacionado a sua vida. Trata-se aqui de um processo ensino-aprendizagem crítico e significativo. Para tanto consideraremos a ideia de aprendizagem proposta por Paulo Freire (1996):

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência (FREIRE, 1996, p. 45)

Mais do que isso, para que possamos apontar alguns pontos importantes relacionados ao desenvolvimento desse aprendizado autônomo e significativo, discutiremos também questões que direta ou indiretamente influenciam nesse processo, questões essas que aparecem como elementos que compõem o "resultado final". Por exemplo, se falamos de um aprendizado crítico, no qual o aluno tem consciência da importância daquilo que aprende, questiona e interfere criticamente, apontamos também o papel da docência crítica, como destaca Freire (1996):

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, "desarmada", indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. (...) O pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1996, p. 18)

Assim o que se quer apontar é que o caminho da educação é uma "via de mão dupla", pois de um lado temos educandos e do outro educadores, ambos em processo contínuo de crescimento no campo do saber, do aprender e do conhecer.

Assim destacamos a importância desse estudo, pois este trará uma reflexão com relação ao papel do professor e também dos alunos, mostrando que as relações com o saber e o aprender vão muito além da sala de aula. Dessa forma, podemos justificar tal estudo como relevante pela possível contribuição para futuras pesquisas na área da Educação, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento crítico e autônomo de educadores e educandos.

Para tanto, apresentaremos o que os autores escolhidos para essa pesquisa nos trazem como pontos considerados relevantes no processo ensino-aprendizagem e também como as ideias de tais autores dialogam entre si.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com o que foi exposto como objetivo de trabalho, convém ressaltar que a pesquisa teve como base teórica estudos relacionados ao desenvolvimento autônomo de educandos, a relação que se dá com o saber e o prazer de aprender no processo de aprendizagem e os fatores responsáveis pela realização desse processo. Para que pudéssemos estabelecer uma discussão abordando esses três temas levou-se em consideração algumas ideias dos autores Paulo Freire e Bernard Charlot.

Segundo Freire (1996),

O grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assuma o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome (FREIRE, 1996, p.40)

De acordo com essa afirmação percebemos que o autor aborda a questão da liberdade no processo ensino-aprendizagem. Este é um ponto de extrema importância, pois se discutimos sobre o desenvolvimento da autonomia consideramos que uma pessoa autônoma é aquela que tem liberdade para pensar, criticar e expor suas ideias. Contudo, o que discutiremos é como a liberdade aparece no contexto do ensino.

Para o aprofundamento desta discussão considerou-se também as ideias presente em *Da relação com o saber às práticas educativas*, de Bernard Charlot na qual o autor faz uma abordagem sobre o fracasso escolar que pode estar relacionado a repressão da liberdade necessária para o desenvolvimento da autonomia no contexto escolar e também pelo fato de o mundo escolar e o mundo vivenciado pelos alunos parecerem distantes.

Muitas vezes, o objeto de pensamento da escola não tem referente no meio de vida do aluno (...) Controlar a relação entre o objeto de pensamento e os seus referentes no meio de vida, e introduzir o aluno em universos intelectuais constituídos por objetos cujo sentido não decorre de uma relação com o mundo vivenciado é, sob duas formas correlatas, o problema central da pedagogia escolar. Sendo assim, temos de repensar a questão da ligação entre o mundo familiar do aluno e o que se ensina na escola. (CHARLOT, 2014, p.67)

Para que fosse possível compreender a forma com que o aluno se relaciona com a escola, e qual o seu papel no processo ensino-aprendizado para que este seja realmente proveitoso foi realizada uma reflexão no que diz respeito ao prazer de aprender. Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender (CHARLOT, 2014, p.74).

Por fim, todo o tema desse estudo teve por base a obra *Da relação com o saber às práticas educativas*, de Bernard Charlot e *Pedagogia da autonomia*, de Paulo Freire que possuem como tema as relações que se estabelecem no processo ensino-aprendizagem e o desenvolvimento autônomo de alunos e professores, respectivamente. O que se buscou foi estabelecer um diálogo entre as obras citadas neste estudo considerando o processo ensino-aprendizagem, com foco no desenvolvimento autônomo dos alunos considerando os fatores influenciadores de tal processo para que este seja considerado eficaz.

ANÁLISE

De acordo com Paulo Freire (1996, p.41), " A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado. É claro que, nem sempre, a liberdade do adolescente faz a melhor decisão com relação a seu amanhã. (...) É decidindo que se aprende a decidir."

Essa afirmação do autor evidencia a importância da liberdade para o desenvolvimento de um ser autônomo. A reflexão que Freire nos traz é um apontamento sobre os primeiros passos da formação de uma identidade autônoma, pois o contexto abordado pelo autor é o familiar, deste contexto partem os primeiros passos para a autonomia, a partir do poder de decisão. Como podemos observar a seguir:

O que é preciso, fundamentalmente mesmo, é que o filho assuma eticamente, responsabilmente, sua decisão, fundante de sua autonomia. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. (FREIRE,1996, p.41)

Podemos notar que o que o autor destaca é que dar a uma criança ou adolescente o poder de decidir é como dar a ele uma chance de amadurecimento e, conseqüentemente, um pouco de autonomia. Afinal, como ele mesmo destaca, ninguém amadurece de repente, trata-se de uma construção dia após dia e é nesta construção que uma pedagogia da autonomia deve aparecer como elemento estimulador da decisão e responsabilidade ou, como Freire aponta de "experiências respeitadas da liberdade".

Essa questão do amadurecimento e desenvolvimento da autonomia a partir do poder de decisão pode nos fazer refletir sobre as formas de resistência que muitas vezes surgem no processo ensino-aprendizagem.

Quando não há diálogo entre educadores e educandos, quando há uma repressão do poder de decisão, muitas vezes, percebe-se que as atividades realizadas em sala de aula não são significativas ou eficazes, pois estando o professor em posição dominante pode "decidir" por ambas as partes, tirando, dessa forma, a autonomia daqueles que são dominados de maneira que a voz destes não seja ouvida.

Contudo, Bernard Charlot traz uma análise da obra *Artes de fazer*, de Michel de Certeau com relação a essas posturas que se estabelecem no ambiente escolar, ele afirma que o dominado não é um objeto sofrendo de forma passiva os processos de dominação:

Quem é dominado não pode desenvolver *estratégias*, por lhe faltarem o controle do seu tempo e o domínio dos meios que lhe permitam atingir os seus fins. Entretanto, nem por isso fica passivo. Ele faz uso de *táticas*

para aproveitar-se das situações que se apresentam e, assim "inventa o cotidiano", por uma permanente "bricolagem" social. Resumidamente, por mais dominado que seja, um ser humano permanece um sujeito, ele atua e a sua atividade surte efeitos. (CHARLOT, 2014, p.65)

Mais ainda, podemos complementar esta análise com o que Freire (1996, p.44) também destaca com relação à importância do diálogo no contexto escolar:

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um "sine qua" da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. É preciso, porém, que quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer. (...) Por isso é que, acrescento, quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, *responda*. É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela. (...) Sua fala, por isso mesmo, se dá num espaço *silenciado* e não num espaço *com* ou *em* silêncio. Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é *cortado* pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, *silencioso*, e não *silenciado*, fala. (FREIRE, 1996, p.44)

Muitas vezes essa atuação que está fora do controle do dominador pode fazer com que aquele que a pratica não seja visto como um ser de sucesso no ambiente escolar, pois se opõe às regras e condições pré-estabelecidas e isso pode originar problemas a ele. Charlot (2014,p.82) afirma: "(...) o aluno depende da professora, mas, também, esta depende dele", ele aponta que no contexto de sala de aula existe um tensão que pode originar conflitos, uma vez que, as partes não consigam dialogar ou atuar juntas.

O autor ainda destaca que quando o aluno não consegue obter o sucesso esperado ele vai à escola apenas para tirar boas notas e passar de ano e não para desenvolver uma atividade intelectual. Neste momento, o professor passa a ser visto como o ser ativo no processo ensino-aprendizagem e é lançado sobre ele toda a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso escolar de seus alunos.

Nessa lógica, se o aluno tirar nota ruim, a culpa é do professor: fui à escola, diz o aluno, escutei o professor e, portanto, se não sei nada, é porque o professor não explicou bem; o professor é quem deveria tirar nota ruim! Em tal lógica, o aluno desconhece a própria estrutura antropológica do ato de ensino-aprendizagem, da educação e, de forma mais geral, da ligação entre as gerações humanas. Por sinal, o professor faz o mesmo quando considera a escola como um lugar onde se ensina, enquanto, na verdade, é antes de tudo um lugar onde se aprende, sendo o ensino apenas um meio para que se possa aprender e não uma finalidade em si. A estrutura antropológica do processo de ensino-aprendizagem decorre da condição humana. Por nascer inacabada, a criança deve aprender e, para tanto, mobilizar-se em uma atividade, em particular uma atividade intelectual. Por nascer em um mundo que a antecedeu, a criança deve ser ensinada. Não se pode aprender se não se é ensinado, de uma forma ou de outra; ninguém pode ser ensinado, seja qual for a pedagogia, se não se mobiliza a si mesmo em uma atividade. O ato de ensino-aprendizagem não é unicamente um encontro entre dois indivíduos, professor e aluno; é, mais profundamente, um processo antropológico que embasa a especificidade da espécie humana. (CHARLOT, 2014, p. 82)

Esse pensamento trazido por Charlot dialoga com o que destaca Freire no que diz respeito à aprendizagem mútua que se dá na relação com o saber. Sendo o ato de aprender uma especificidade da espécie humana Freire (1996, p. 12) aponta: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender", ou seja, tanto educadores e educandos estão em um processo contínuo e conjunto de aprendizagem, de maneira que, se uma das partes age de maneira arbitrária, desrespeitando esse processo, prejudica tanto outro quanto a si mesmo.

Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir *entrando* como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e fala da dificuldade mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 1996, p.45)

Outro ponto, que levaremos em consideração nesta discussão é relação existente entre a escola e a vida do aluno. Quantas vezes não damos a atenção devida a algo por achar que aquilo não faz 'sentido' em nossa vida? A ideia de fazer sentido está diretamente ligada à identificação, essa questão também existe no contexto escolar. Charlot (2014) discorre:

Com efeito, por mais importante que seja a especificidade da escola, qual seria o seu valor se o que se aprende na escola fizesse sentido apenas dentro da escola? Conhecer novos mundos, ter acesso a formas ideais, objetivar o mundo e distanciar-se da experiência cotidiana, perceber-se a si mesmo como ser de Razão e de Imaginação, tudo isso só vale quando diz algo, indiretamente, a respeito da minha vida, do meu mundo, da minha experiência, de quem eu sou e posso vir a ser (CHARLOT, 2014, p.59)

De acordo com as proposições do autor o papel da escola se torna legítimo quando é capaz de esclarecer o mundo particular de cada criança para desta forma ampliá-lo. O que percebemos é que a escola deve abrir a visão tanto de educandos quanto de educadores para novos horizontes sem, contudo, desconsiderar aquilo que estes já conhecem.

Quando um aluno se identifica com aquilo que aprende na escola, isto é, quando ele consegue traçar elos entre o que a escola lhe apresenta e o que já conhece fora dela, ele se sente mais confortável, como quem é capaz de participar daquilo que é proposto. Ainda que, o intuito da escola seja ampliar os saberes prévios dos educandos, dar a eles um sentido para a ampliação desse saber torna a aprendizagem mais prazerosa. Este é um outro ponto importante para o desenvolvimento da autonomia no processo ensino-aprendizagem, pois se o que estou estudando é algo que já conheço, ainda que pouco, terei maior autonomia para discorrer sobre determinado assunto.

Aqui destacamos também a importância do prazer no processo de aprendizagem, Charlot afirma:

Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender. Quando digo “prazer” não estou opondo prazer a esforço. (...) Não há contradição entre prazer e esforço.(...) O que permite uma aula ser interessante? É interessante quando um desejo, no sentido profundo do termo, é satisfeito pelo encontro com um conteúdo intelectual. (CHARLOT, 2014, p.74)

Ao fazer essa afirmação o autor aponta que para que se estabeleça uma relação prazerosa com o saber o Eu que está em jogo é um Eu epistêmico, o que os filósofos chamam de Razão, o eu pensante e não o Eu empírico, que seria aquela das experiências do dia a dia. De acordo com o autor:

(...) o aluno precisa ascender ao eu epistêmico, porém sem perder a experiência cotidiana. De imediato, vem a pergunta: por que há alunos

que não entram em uma atividade intelectual? Na verdade, há alunos que nunca entenderam o que está acontecendo na escola, nunca entraram efetivamente na escola. (CHARLOT, 2014, p. 74)

De acordo com o que propõe o autor podemos compreender que a atividade da escola seria dar ao aluno a possibilidade de desenvolver sua forma de aprender. O “aprender”, ou seja, o processo pelo qual aprendemos uma coisa, seja ela qual for, apresenta-se sob formas várias e heterogêneas. Aprender na escola é uma dessas formas, específica, valiosa, mas não única (CHARLOT, 2014, p.75). Essa ideia elenca o que já foi exposto anteriormente, não é apenas estar na escola, mas encontrar-se na escola. É saber que dali o indivíduo poderá acrescentar algo àquilo que já conhece, que o aprender da escola é capaz de complementar um aprender já conhecido pelo aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a reflexão que podemos tirar deste diálogo, entre algumas ideias propostas por Freire e também por Charlot, é que é preciso que exista uma relação entre o aprender do dia a dia de cada aluno com o aprender proposto pela escola, sem que um seja visto como superior ao outro, mas diferentes. Podemos supor que a partir dessa relação haverá uma relação mais 'afinada' e livre com o aprender da escola e conseqüentemente, maior autonomia para lidar com esse saber.

Assim podemos afirmar que o objetivo deste estudo foi atingido, uma vez que, foi possível estabelecer um diálogo entre as ideias de Paulo Freire e Bernard Charlot no que diz respeito ao desenvolvimento da autonomia no processo ensino-aprendizagem e aos fatores capazes de influenciar em tal desenvolvimento. Por fim, o que se espera é que de alguma forma essa leitura realizada, a partir das obras dos autores presentes neste estudo, possa contribuir para uma reflexão, tanto para alunos quanto para professores, com relação ao papel que desempenhamos no campo do saber e do aprender.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber às práticas educativas*. São Paulo: Cortez, 2014. Disponível em: [http://sta.pro.br/livros/17%20-%20CHARLOT Bernard Da Rela%C3%A7%C3%A3o com o Saber %C3%A0s Pr%C3%A1ticas Educativas 2014.pdf](http://sta.pro.br/livros/17%20-%20CHARLOT%20Bernard%20Da%20Rela%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20Saber%20Pr%C3%A1ticas%20Educativas%202014.pdf). Acesso em: 22/05/2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.